

A tormenta de Durban

Diante de impasse histórico, COP-17 torna-se a mais caótica negociação climática já realizada

Rajesh Jantila/AFP

Renato Grandelle*

renato.grandelle@oglobo.com.br

Os apelos desesperados da ministra das Relações Exteriores da África do Sul, Maite Nkoana-Mashabane, não foram suficientes para evitar que a Conferência de Durban entre para a história como a mais difícil negociação climática já realizada. Prolongamentos de negociações são frequentes nas cúpulas climáticas, mas Durban foi cenário de um caos generalizado de interesses divergentes e contratempos de última hora. No fim da noite de sábado, exaustos delegados de 194 países ainda lutavam por um acordo. Rascunhos emergiram ao longo do dia, mas nenhum parecia atender a todos os interesses e eram rediscutidos.

Foi Connie Hedegaard, a comissária do clima da União Europeia, que melhor definiu o último dia de evento: "A pressão do tempo é quase palpável". Seu desabafo veio no Twitter pouco antes das 14h (horário de Brasília). E mais de oito horas de desencontros ainda estavam por vir. O capítulo extra da COP-17 fechou discussões técnicas, como a transferência de tecnologia e recursos para que os países pobres se adaptem às mudanças climáticas. Mas, principalmente, o impasse entre Estados Unidos, China e Índia impediram que Durban fosse além.

Duração de novo Kioto divide países

O prolongamento do Protocolo de Kioto, cuja assinatura completa hoje 11 anos, incitou horas de discussões. A proposta original era que o acordo, válido até o ano que vem, fosse renovado até 2015. Na plenária, porém, diversos países reivindicaram que este acordo ganhasse uma sobrevida maior: até 2017 ou três anos depois.

Os EUA, que não são signatários do pacto, defendem uma paridade nas metas — ou seja, todos os maiores poluidores do mundo serão submetidos aos mesmos padrões legais sobre cortes de emissões. China e Índia, porém, consideram que seu crescimento econômico seria afetado por esta exigência. Os três países



A MINISTRA do Meio Ambiente, Izabella Teixeira, conversa com o embaixador Luiz Figueiredo e a diretora da COP, Christiana Figueras

têm em comum a preferência de que sua emissão de gases-estufa seja monitorado só a partir de 2020.

Esta vontade não contou com o apoio de outros países, que manifestaram sua preocupação com o abismo entre Kioto, se sua validade for apenas até 2015, e um novo acordo, que não entraria em vigor antes de 2020. A visão de cinco anos sem qualquer monitoramento legal foi considerada inconcebível pelos países menos desenvolvidos.

O duplo entrave — o destino de Kioto e o que o sucederia — fez Durban bater um recorde: nunca uma convenção do clima durou tanto tempo. E pôs, mais uma vez, o seu modelo em contestação: nele, todas as decisões envolvendo os 194 países ali representados devem ser consensuais.

— Uma convenção sem os ministros mais importantes já estava fadada ao fracasso — lamentou a sub-

secretária estadual de Economia Verde do Rio, Suzana Kahn. — O que nos serve de reflexão é que este processo multilateral já deu o que tinha que dar: se não deu certo em Copenhague, quando os próprios chefes de Estado estavam ali, sentados, e havia tudo para funcionar, então temos de discutir outra saída. A energia que se gasta nisso é desproporcional à sua efetividade. Se não cumprir Kioto, o que acontece? Nada.

O protocolo japonês agora cobre apenas 15% das emissões de gases-estufa. Por isso, Maite definiu o pacote de quatro documentos entregue aos delegados, referentes à renovação do acordo, como um "compromisso imperfeito".

— Todos sabemos que não é perfeito. Mas não devemos deixar que a perfeição torne-se inimiga de acordo que é bom e possível — acrescentou.

Suzana sugere que as discussões

sejam feitas em blocos multinacionais, algo que, de certa forma, já ocorre. Um deles, fundamental para qualquer decisão, é o Basic. Além do Brasil, engloba África do Sul, Índia e China.

— É um bloco que está aprofundando a sua união — avaliou o cientista político Sérgio Abranches, especialista em convenções climáticas. — Já está claro que Brasil e China terão obrigações, metas legalmente vinculantes, maiores do que Índia e África do Sul, quando essas potências assinarem um acordo que as obriguem a ter um controle de emissões. E, obviamente, todos terão metas menores do que Estados Unidos e União Europeia, que usufruem há mais tempo das emissões de gases-estufa.

No início da madrugada de sábado para domingo em Durban, ainda não havia definição sobre quando a conferência seria encerrada. ■

As conferências

• **1990:** A pioneira Conferência do Clima de 1990, em Genebra, deu à comunidade internacional um mandato para negociar uma então emergente ameaça de aquecimento global.

• **1992:** A Rio-92 viu a assinatura da Conferência Quadro de Mudanças Climáticas (UNFCCC, na sigla em inglês), para combater uma "interferência antropogênica perigosa no sistema climático". Todos os países são signatários.

• **1997:** É aberto à assinatura o Protocolo de Kioto, pelo qual países ricos se comprometiam a cortar emissões de gases que agravam o efeito estufa. O primeiro "período de compromisso" deveria terminar em dezembro de 2012.

• **2007:** A Conferência em Bali estipulou um roteiro para elaborar um novo tratado do clima em dois anos, que substituiria o Protocolo de Kioto e envolveria todos os países, desenvolvidos ou em desenvolvimento.

• **2009:** A Conferência do Clima de Copenhague terminou perto de um colapso depois que países desenvolvidos e em desenvolvimento (liderados pela China) sinalizaram que poderiam não concordar nos termos de um substituto de Kioto.

• **2010:** A Conferência do Clima de Cancun fez progresso na promessa de ajuda a países pobres e na proteção de florestas, mas não debateu o sucessor de Kioto.

• **2011:** Como suas antecessoras, a COP-17 é prolongada para tentar se chegar a um acordo.

Texto falso e correria para o aeroporto

Os últimos momentos da COP-17 tiveram uma carga generosa de confusões. Uma delas, que surgiu logo pela manhã, foi um texto falso, enviado a diversos delegados e propondo metas mais ambiciosas do que todas as discutidas até agora.

A polêmica foi tamanha que a presidente da COP, a sul-africana Maite Nkoana-Mashabane, teve de negar oficialmente a autenticidade do documento. Mesmo sendo uma falsificação grotesca: sua data, segundo o jornal "The Guardian", indicava que ontem era sexta-feira (e não sábado), e seus autores preferiram usar a fonte arial no texto em vez da oficial times new roman.

Alguns dos 130 ministros, porém, mal tiveram tempo para analisar a papelada. Como todos esperavam que a convenção terminasse na sexta-feira, houve uma correria até o aeroporto para remarcar a passagem de volta, mas esbarraram em preços proibitivos ou na falta de voos. Algo que afetou não só os países mais pobres, como também os desenvolvidos. Parte da comitiva portuguesa, por exemplo, voltou para Lisboa ontem cedo.

pontofrio

No Natal, tudo de melhor para sua família.

TODA A LOJA SEM JUROS.*

3D

TV 42" 3D
COM CONVERSOR
DIGITAL

R\$ 1.999,00 À VISTA

10X R\$ 199,90
sem juros
no Cartão Pontofrio*

3D

CONVERTE E ASSISTA
A VÍDEOS E FOTOS EM 3D

R\$ 1.199,00 À VISTA

10X R\$ 119,90
sem juros
no Cartão Pontofrio*

3D

TELA LCD 18"
MEMÓRIA
2 GB
PCTV
HD 500 GB

R\$ 599,00 À VISTA

POSITIVO

Microcomputador
PCTV D3100
Windows® 7 Starter Original
Intel® Atom™ Dual-Core

R\$ 1.199,00 À VISTA

10X R\$ 119,90
sem juros
no Cartão Pontofrio*

SAMSUNG

Home Theater
5X

R\$ 119,80

sem juros
no Cartão Pontofrio*

GRÁTIS MULTIFUNCIONAL

GRÁTIS 1 ÓCULOS 3D

*A partir de**